

em cores

PARIS

Toda a moda 84/85

especial
500 anos de
LUTERO

A tesoura e o
sabonete:
primeiros sinais
da chegada da
civilização à
mais primitiva
tribo do Brasil



CP\$ 1.000,00 • N.º 1.647 • RIO DE JANEIRO, 12 DE NOVEMBRO DE 1984

Uma aventura na selva **NHAMBICUARAS**
OS SOBREVIVENTES DA
IDADE DA PEDRA

NHAMBIGUARAS

OS SOBREVIVENTES DA IDADE DA PEDRA

Reportagem de Sérgio Costa ● Fotos de Gil Pinheiro

Do Alasca à Terra do Fogo, não existem índios tão primitivos. Em pleno fim do século XX, por imposição de sua cultura, eles vivem sem nenhum avanço tecnológico, além do arco e flecha, e do balaio. Sequer dormem em redes. Preferem o chão, em meio às cinzas. Sua dieta alimentar inclui de piolhos a morcegos hematófagos, passando por ratos, gafanhotos, macacos e outros bichos. Eles não falam português e sua estrutura social é a mais simples possível. Foi este o povo que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss conheceu, em sua passagem pelo noroeste brasileiro, em 1939, e que MANCHETE visita agora, em uma viagem fantástica à Idade da Pedra.

Imitando a técnica dos brancos, um nhambiguara constrói seu jirau. As tradicionais malocas caíram de uso por causa da dificuldade em achar palha.

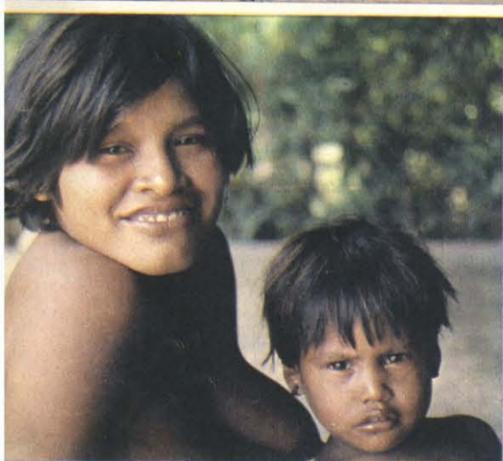


Calcula-se que, em menos de um século, o número de nhambiquaras decaiu em 94%

OS nhambiquaras na verdade são doze tribos bem diferentes umas das outras. Foram chamados assim pelos tupis, por terem as orelhas furadas. Vivem no noroeste de Mato Grosso; entre as cidades de Vila Bela e Vilhena, em Rondônia; nos campos ondulantes da chapada dos Parecís; e nas matas amazônicas do vale do Guaporé. Estima-se que fossem mais de dez mil no começo deste século. Hoje restam pouco mais de 600 em 24 aldeias espalhadas por cinco milhões de hectares, nos Estados de Mato Grosso e Rondônia, encurralados pelas grandes fazendas da região nas encostas de morro e as terras menos férteis.

Os *hahaintesus*, visitados por MANCHETE, se consideram o primeiro povo da terra. Segundo Papai, o mais velho da tribo, no dia em que eles perderem as características do primeiro homem a pisar no mundo "tudo vai acabar outra vez". Papai é chamado assim pelos brancos. Nos dialetos nhambiquaras, não se pode dizer os nomes próprios. Mas muita coisa tem mudado nos costumes dos *hahaintesus*, nos últimos anos, e por coincidência ou não o fim do mundo deles parece próximo. Sem-nômades, não têm mais para onde se mexer. Paleolíticos, são forçados a conviver com a civilização tecnológica.

SEGUE



Miçangas são usadas para proteger das doenças e dos maus espíritos. Na divisão de tarefas, cabe ao marido a função de cabeleireiro.



Como todos os hábitos tribais, o banho é praticado no coletivo pelos meninos. Os adultos distraem-se principalmente com sexo — feito ou observado.

12/11/83

Acervo
MISA

Quando um casal se afastava para fins sexuais — observou Lévi-Strauss — os índios iam atrás

PRATICAMENTE despojados de vida material, aos poucos, pelos contatos com os civilizados, os nhambiquaras vão sendo introduzidos na era do acúmulo de bens. De um amor e um carinho sem fim entre si — a não ser por pequenas rugas originadas em casamentos não desejados entre famílias —, eles descobrem sentimentos menos nobres no contato com aqueles que os dizimaram e lhes tiraram a liberdade de movimento pelas selvas amazônicas. Sua própria roça incipiente se cansa de ser bombardeada por desfolhantes poderosos, jogados de aviões particulares.

A palavra amor, no dialeto nhambiquara, significa “fazer amor é bom”. Na maioria, as coisas são expressas por desinências de substantivos. A sonoridade de sua língua é atonal, lembrando línguas asiáticas como o chinês. No entanto, guardam menos traços orientais do que outros povos da selva, o que reforça a suposição de que eles são os mais antigos habitantes das Américas, chegados há milênios pela travessia do estreito de Behring. A entrada para a América Latina pode ter-se dado pelo vale do Guaporé. A região habitada pelos nhambiquaras é bastante curiosa. Sem maiores obstáculos, o vale do Guaporé liga as bacias do Amazonas e do Prata, além de permitir que se atinja por navegação o lago Titicaca.

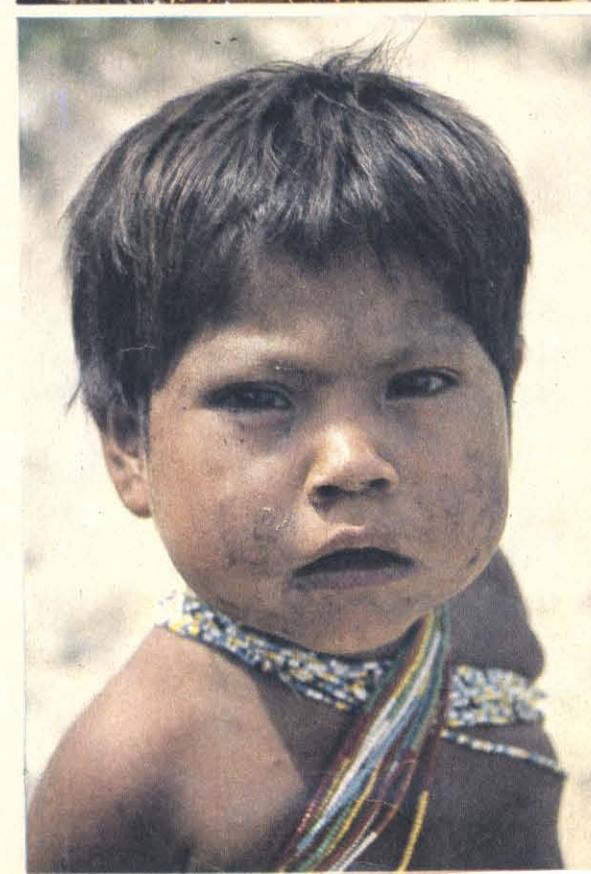
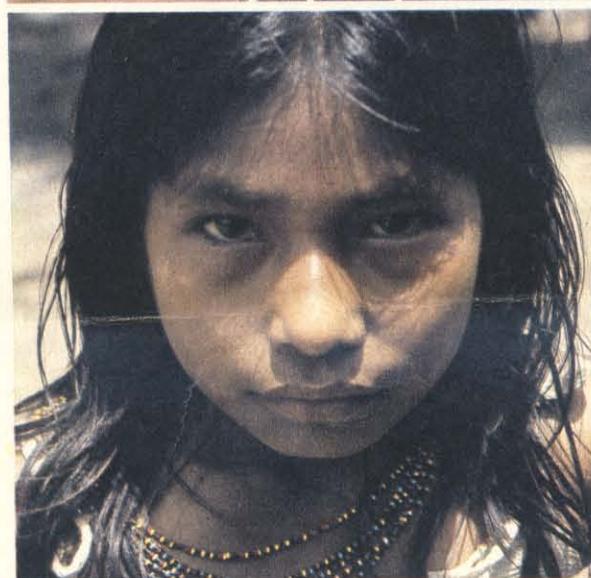
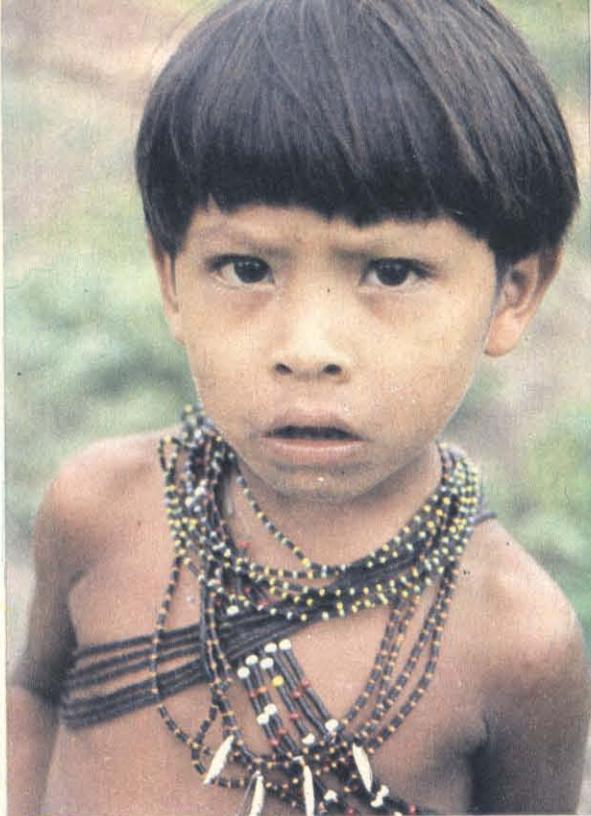
No Posto da Funai de Manairiçu vivem “os guardiães do

mundo”: outra atribuição da cultura *hahaintesu* a seu povo. São cerca de 70 índios morando em casas de madeira construídas pela Funai. O chefe do posto, Silbene de Almeida, vive há nove anos entre os *hahaintesus* e explica o porquê das casas, em vez das tradicionais malocas.

“**A** medida que eles foram desenvolvendo a roça, a folha do açaí foi ficando distante. Eles demoravam muito tempo para buscar as palhas. Como acharam muito mogno, ao começarem com a agricultura puderam trocá-lo por madeira nas serrarias. Mas continuam dormindo no chão e mantêm todos os seus hábitos. Casa de palha é mais romântico. Mas, quando eu morava com eles, cansei de coar o mingau no dente, para tirar as baratas. Para quem vê, é muito bom. Para quem vive, é barra.”

As aldeias nhambiquaras são sempre pequenas. Seus casamentos são cruzados e o irmão, sempre menos importante do que o cunhado. As crianças, desde cedo, são prometidas em casamento umas às outras e começam cedo sua vida sexual. Sexo, aliás, é a

O declínio da comunidade nhambiquara se dava em progressão geométrica até 1974. A partir de então, esforços antropológicos conseguiram retardar o seu desaparecimento — e as crianças voltaram a ser numerosas.



grande brincadeira e diversão, entre os nhambiquaras. Chegam a interromper suas atividades rotineiras para observar animais copulando. Lévi-Strauss observou que basta um casal de índios se afastar da aldeia para namorar que os outros vão atrás em silêncio, para ver o espetáculo.

AS atividades masculinas e femininas são mais ou menos definidas na divisão sexual do trabalho. As mulheres, normalmente, assam a mandioca, fazem bolos de milho e mandioca, mingaus, tratam as vísceras da caça, fazem cestos, colares e varrem as casas. Os homens caçam, assam as caças, fazem flechas e arcos, tocam flautas (mas as mulheres não podem vê-los tocando). Juntos (além do amor) fazem as coletas, pescam, catam piolho na cabeça um do outro e tiram bichos-de-pé. Normalmente, são baixos, vivem completamente nus, sem o tradicional tapa-sexo, colares ou outros babilaques. As crianças usam miçangas no tronco para afastar os maus espíritos. Os nhambiquaras acordam com o dia e já começam a trabalhar. Quando não estão na caça, na parte mais quente das jornadas, ficam descansando à sombra ou em suas casas. Ao civilizado menos atento, parecem completamente ociosos. Realmente, índio não faz apologia da produção. Nem busca preencher todos os seus horários com tarefas produtivas. Sempre que pode, guarda um tempinho para ficar de denço com os outros, descansando, ou simplesmente olhando a paisagem, perdido sabe-se lá em que pensamentos. ■